



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DESIGN-MODA**

BEATRIZ FIGUEIREDO DE QUEIROZ

**DESIGNER DE ESTAMPAS: OS DESAFIOS DO PROFISSIONAL NA
CIDADE DE FORTALEZA.**

**FORTALEZA
2018**

BEATRIZ FIGUEIREDO DE QUEIROZ

**DESIGNER DE ESTAMPAS: OS DESAFIOS DO PROFISSIONAL NA
CIDADE DE FORTALEZA.**

**Trabalho de Conclusão de
curso, com base nos
requisitos necessários para a
graduação em Design-Moda,
sob a orientação da Profa. Dra.
Dijane Maria Rocha Víctor.**

**FORTALEZA
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Q42d Queiroz, Beatriz Figueiredo de.
Designer de estampas: : os desafios do profissional na cidade de Fortaleza / Beatriz Figueiredo de Queiroz. – 2018.
22 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2018.

Orientação: Profa. Dra. Dijane Maria Rocha Victor.

1. estamparia. 2. designer de estampas. 3. têxtil. 4. Mercado. I. Título.

CDD 391

BEATRIZ FIGUEIREDO DE QUEIROZ

**DESIGNER DE ESTAMPAS: OS DESAFIOS DO PROFISSIONAL NA
CIDADE DE FORTALEZA.**

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra Dijane Maria Rocha Víctor (Orientadora)

Profa. Dra. Araguacy Paixão Almeida Filgueiras

Prof. Davi Sombra Montenegro

DESIGNER DE ESTAMPAS: OS DESAFIOS DO PROFISSIONAL NA CIDADE DE FORTALEZA

Beatriz Figueiredo de Queiroz

Resumo

Este artigo apresenta o perfil do profissional designer de estampa atuante na cidade de Fortaleza. O mesmo foi traçado a partir de uma pesquisa de natureza básica realizada no período de janeiro a junho de 2018. Os procedimentos metodológicos aplicados foram: estudo bibliográfico e entrevista semiestruturada aplicadas para onze profissionais designers de estampa.

Palavras-Chave: Designer de estampa têxtil. Mercado. Fortaleza.

Abstract

This article presents the profile of the Textile Designer that works in the city of Fortaleza. The profile was done based on a basic research carried out from January to June of 2018. The methodological procedures applied were: bibliographic study and semi-structured interview applied to eleven textile designers.

Keywords: Textile Designer. Market. Fortaleza

1. INTRODUÇÃO

O profissional designer de estampa é atualmente muito solicitado no mercado de trabalho na cidade de Fortaleza. Porém, pouco se sabe sobre o seu perfil, os seus desafios e suas conquistas no setor têxtil. Apesar de não ser uma profissão nova, vez que no Brasil chegou por volta de 1808 junto com a família real e com a reabertura da indústria têxtil no país.¹

A escolha desse tema se deu através de curiosidade pessoal fomentada pela demanda de estamparia no mercado de moda desta localidade. Fato que observo desde quando ingressei no curso design-moda da Universidade Federal do Ceará-UFC. Para, além disso, existem poucos estudos sobre este

¹ <https://www.audaces.com/a-historia-da-chita-um-tecido-quase-brasileiro/>

profissional, principalmente no Ceará, o que torna relevante a pesquisa porque nós egressos do curso podemos nos interessar em atuar profissionalmente no ramo.

A partir de então surgiu o interesse em traçar o perfil deste profissional, e também de identificar as principais dificuldades encontradas para atuar no mercado local. Tendo como indicadores: *i)* As ferramentas usadas para o exercício da profissão; *ii)* O que precisa para ser um bom profissional; *iii)* A formação acadêmica requisitada pelo mercado e *iv)* A faixa salarial.

A pesquisa é de natureza básica com abordagem qualitativa vez que as informações foram interpretadas de maneira subjetiva. Quanto aos objetivos tem caráter descritivo, pois descreve o perfil do designer de estampas em Fortaleza. E quanto aos procedimentos é uma pesquisa bibliográfica, pois foi necessário fazer uma pesquisa em livros, artigos e periódicos, para dar um suporte teórico para o trabalho. Tendo esse estudo sido pautado em autores como Neira (2012), Cardoso (2013), Pezzolo (2013) e Silva (2016), que são especialistas no assunto em questão.

Também quanto aos procedimentos, é uma pesquisa de levantamento, pois houve uma coleta de informações por meio de uma entrevista semiestruturada que foi aplicada para onze designers de estampas que trabalham em Fortaleza. Além disso, “os levantamentos se tornam muito mais adequados para estudos descritivos do que para explicativos” (GIL, 2008, p.56).

2. BREVE HISTÓRIA DA INDÚSTRIA TÊXTIL NO BRASIL E NO CEARÁ

A indústria têxtil no Brasil começou com o cultivo de algodão, ainda na época da colonização, principalmente nas regiões norte e nordeste do país. Mas de acordo com Fujita, Jorente (2015, p.158-159) em 1785 a rainha Maria I assinou um decreto proibindo esse tipo de atividade no país, para que os escravos se dedicassem somente à agricultura e à mineração, já que era de onde vinham as riquezas da colônia.

Com a chegada da família real ao Brasil em 1808 esse decreto foi revogado e houve abertura dos portos, possibilitando o comércio entre países, mas em 1810 houve um acordo comercial entre Inglaterra e Portugal que

acabou fazendo com que o produto inglês fosse mais barato do que o produto nacional, isso acarretou no enfraquecimento da indústria têxtil brasileira.

Porém, em 1844 foi criada a tarifa Alves Branco que determinava um imposto de 30% sobre o produto estrangeiro manufaturado, incluindo o algodão e a isenção dos impostos sobre as máquinas e matéria prima, isso estimulou a criação de fábricas de fiação e tecelagem de algodão. (SILVA, 2010)

No Ceará não foi diferente, por estar em uma localização favorável no nordeste brasileiro tinha uma grande quantidade de algodão e sua indústria têxtil teve início ainda no período colonial. Mas foi em 1884 com a abertura da Fábrica de Tecidos Progresso que é inaugurado o processo de industrialização no estado (MOTA, 2017). O processo continua com a exportação do algodão e o aumento do consumo do mesmo com a revolução industrial e o por consequência é gerado um crescimento da indústria têxtil de todo o país. (Mota, 2017)

Mas em 1980 o estado passou por uma crise, pois uma praga atacou as plantações de algodão e a seca agravou o plantio do mesmo, contudo a indústria têxtil se manteve firme e hoje “O Estado é, (...), o 5º lugar no Ranking do Faturamento da Cadeia Têxtil e de Confecção, segundo dados da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção de 2016.”²

Por muito tempo o algodão foi a matéria prima mais usada na indústria têxtil do Ceará, mas hoje “o setor têxtil no Estado também tem trabalhado com alternativas à fibra natural, como as fibras sintéticas e artificiais” (MOTA, 2017) essas são alternativas que o mercado busca diante dos avanços tecnológicos, para diminuir o número de produtos importados. Ainda segundo Mota (2017)

Com mais de 100 anos de existência, a indústria têxtil cearense deu passos largos com o avanço da tecnologia, investindo em produtos e processos inovadores. Diante de uma cadeia produtiva integrada em um mercado ecologicamente consciente e concorrido, a inovação se tornou a principal ferramenta competitiva do setor. A modernização injetou no mercado produtos com melhor qualidade, maior controle de produção e menos dependente da importação. Com a queda da produção do algodão em solo cearense, houve o crescimento do uso de fibras sintéticas e artificiais como alternativas à fibra natural. (mota, 2017, O POVO online).

² <https://especiais.opovo.com.br/industriatextil/>

O Ceará continua investindo em tecnologia e inovação e se adequando ao mercado para continuar crescendo no setor têxtil, gerando novas alternativas aos tecidos naturais, visto que a produção de algodão no estado já não é tão grande.³

3. HISTÓRIA DA ESTAMPARIA

De acordo com Chantaigner (2006) a estamparia é a impressão no tecido e pode ser modular, com a repetição do módulo ao longo da superfície do tecido, ou representar um desenho único (estampa localizada).

Segundo Silva e Menezes (2013, p.5) as primeiras técnicas de estamparia surgiram no mundo por volta dos séculos V e VI a.C, tendo início na Índia e na Indonésia (PEZZOLO, 2013), e se utilizavam de substâncias ácidas e corantes naturais para fixar no tecido. E que a partir da Idade Média, blocos de madeiras eram usados para estampar o linho.

Por volta do século XV, segundo Pezzolo (2013), Vasco da Gama introduziu os tecidos estampados na Europa, mas esses eram exclusivos da alta sociedade. Mas por causa da grande demanda da aristocracia e o interesse da população em usar as roupas estampadas além chegada de estrangeiros que entendiam das técnicas de fabricação de tecidos estampados e o desenvolvimento de técnicas de pintura foi que a indústria da estamparia na Europa foi impulsionada.

A técnica de estampar com blocos foi sendo aprimorada e durante a Revolução Industrial foram desenvolvidas máquinas de estampar. (SILVA, 2010) Com isso o trabalho do designer passou a ser incorporado no processo produtivo das indústrias.

A Grã-Bretanha, por fabricar as máquinas de estampar, era uma referência no assunto e em 1813 já possuíam máquinas que estampavam em 2 cores (PEZZOLO, 2013). E segundo ela, ainda no século XIX eles já estampavam em 4 cores.

³ <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/30248953/programa-busca-retomada-da-producao-de-algodao-no-ceara>

No Brasil a estampa começou a ser desenvolvida junto com a indústria têxtil do país. Segundo Silva (2016, p.7) em 1826 foi estabelecida uma pequena estamperia na cidade do Rio de Janeiro, no bairro do Andaraí Pequeno, onde hoje corresponde ao bairro da Tijuca⁴, que fabricava estampas em chita com algodão importado da Índia.

Segundo Carrara Jr.; Cardoso (*apud* NEIRA 2013) entre 1858 e 1902 funcionou no país a oficina artesanal de Fernand Reyhner, que era considerada oficialmente a primeira estamperia do Brasil. Já em 1910 de acordo com Neira (2013) a companhia América Fabril já contava com uma seção de estamperia, o que era considerado um avanço, pois a indústria não ia só da matéria prima para o tecido, ela o beneficiava para aumentar o seu valor agregado.

O mesmo aconteceu com a Companhia Progresso, mais conhecida como Bangu, que no início do século XX também investiu em equipamentos para agregar valor aos seus tecidos e ficou famosa pelos seus desenhos e estampas.

Entre 1950 e 1960 segundo Neira (2013) os tecidos sintéticos passaram a concorrer no mercado brasileiro de tecidos, com a chegada da marca francesa Rhodia, que para aproximar o consumidor brasileiro desse tipo de material resolveu fazer uma parceria com artistas plásticos brasileiros, criando uma coleção com modelagens modernas e estampas “baseadas na arte popular brasileira” (SANT’ANNA, 2007).⁵

A venda dos produtos sintéticos significou um destaque da estamperia “uma vez que as inovações na aparência eram mais rápidas e baratas do que as alterações de matéria prima ou de estrutura”. (Neira, 2013) Com isso a estamperia teve grande destaque na indústria têxtil e tornou-se um apelo comercial.

Ainda segundo a mesma autora, na década de 1970 a estampa era usada como diferencial para os tecidos mais caros e que a técnica mais difundida de estamperia no Brasil era a impressão por cilindro de cobre, pois não existia no país, nenhuma máquina de impressão por cilindro micro perfurado, até meados de 1980.

⁴ <https://www.oriodejaneiro.com/andarai/>

⁵ <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/moda/a-historia-da-rhodia-e-seus-fios-sinteticos-entra-em-cartaz-no-masp>.

4. OS MÉTODOS DE ESTAMPARIA

Muitas técnicas foram usadas ao longo dos anos para estampar os tecidos, desde a pintura à mão, passando pelos blocos de madeira e cilindros até a impressão digital que, nos dias atuais é o que existe de mais tecnológico. Nesse contexto, apresento algumas dessas técnicas:

4.1 Serigrafia

A serigrafia ou *silk-screen* é um processo de estampar tecido com telas microperfuradas pelas quais a tinta passa para o tecido seguindo o contorno de um desenho traçado na própria tela. Nesse processo, cada cor definida no desenho exige uma tela para executar a estampa. Atualmente é o processo mais usado para estampas localizadas em camisetas e moletoms, mas também pode ser usado para fazer estampas corridas fazendo o encaixe lateral. Devido ao baixo custo diante de outras técnicas, torna-se a mais popular.

O processo é simples, porém exige do estampador leveza nas mãos e conhecimento de tintas e tecidos (Figura 1). A cobertura, como assim é chamada as camadas de tinta, têm de ficar no mesmo padrão de cor e de textura, pois esses são os atributos que darão qualidade a estampa.

Figura 1 – Técnica de *silk-screen*



Fonte: <[## 4.2 Cilindro](https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=637&tbm=isch&sa=1&ei=ucMEW86eNIX7wQTa3ZnwCA&q=serigrafia&oq=serigrafia&gs_l=img.3...35i39k1j0i67k114j0i5.57907.59746.0.60165.10.10.0.0.0.0.165.1031.0j7.7.0...0...1c.1.64.img..3.7.1029...0.rjPEvXHpZXg#imgrc=XgLDERRRbNvkmM.> Acesso em: 22/05/18</p></div><div data-bbox=)

Foi desenvolvido a partir de 1785 com a estamperia já mecanizada. Consistia em transferir o desenho, sob pressão, para o tecido. Os desenhos eram gravados manualmente por artesãos em rolos de cobre e era preciso um cilindro por cor. Esse método permitiu um maior desenvolvimento na produção.

Atualmente, o processo é executado em uma esteira rolante onde a velocidade e o preenchimento de tinta nos cilindros é controlado por computadores, assim é possível um maior controle dos encaixes e uma maior velocidade e autonomia do processo. (Figura 2)

Figura 2- Técnica de cilindro



Fonte: <[22/05/18](https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=588&tbm=isch&sa=1&ei=ncMEW_rBGcX5wgTz5_QDw&q=impress%C3%A3o+no+cilindro+tecido&oq=impress%C3%A3o+no+cilindro+tecido&gs_l=img.3...17329.27477.0.27759.30.26.1.3.3.0.166.3474.0j23.23.0...0...1c.1.64.img..3.14.1719...0j35i39k1j0i67k1j0i30k1j0i24k1.0.y91FIC36t_A#imgdii=6p1ZBGf-saBkxM:&imgrc=0mD4zMviG7n79M> Acesso em:</p></div><div data-bbox=)

4.3 Sublimação

Assim como o papel a tinta desse processo também é diferente pois reage como calor e é esse processo que faz com que ela seja transferida para o tecido.

A Sublimação ou *transfer* surgiu na França por volta de 1980. A técnica consiste em transferir, através do calor, a estampa previamente impressa em um papel próprio e, assim como o papel, a tinta desse processo também é diferente pois reage como calor e é esse processo que faz com que ela seja transferida para o tecido. O papel com a estampa é colocado em cima do tecido e, os dois juntos são colocados entre os cilindros quentes de uma calandra, que é uma máquina que estampa os rolos de tecido.(Figura 3).

Figura 3 - Máquina de sublimação (calandra)



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=calandra&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiApfS52JrbAhUDFZAKHZy6B0UQ_AUICigB&biw=1366&bih=637#imgdii=CpLygtPVmY-zSM:&imgsrc=MWGYK_ScR4gbXM> Acesso em: 22/05/18

Vale ressaltar que para se ter uma sublimação com qualidade o tecido tem que conter poliéster na sua composição, quanto maior a quantidade de poliéster, melhor a coloração da estampa no tecido.

Além disso, por ser preciso de tecidos com poliéster, que são feitos de plástico, não é considerado um processo ecologicamente correto, além do papel que depois de usado é descartado, gerando resíduo.

4.4 Impressão digital

A Impressão digital é a mais recente técnica de estamparia. Consiste em imprimir uma estampa do computador direto no tecido, em uma impressora de grande formato e alta resolução de imagem. Essa técnica possibilita maior liberdade na quantidade de cores a serem usadas nas estampas e maior variedade de tecidos que podem ser impressos. (Figura 4).

Figura 4 – Impressora digital



Fonte: https://www.google.com.br/search?q=m%C3%A1quina+de+impress%C3%A3o+digital&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjpu8o5zbAhWMGpAKHb55AusQ_AUICygC&biw=1366&bih=637#imgrc=YR0R_QRhh1Dy0M> Acesso em: 23/05/18

5. O SURGIMENTO DO PROFISSIONAL DESIGNER DE ESTAMPAS

A possibilidade de estampar tecidos em escala industrial surgiu com a Revolução Industrial, quando nesse período a indústria têxtil inventou os teares mecânicos e a produção de tecidos aumentou. Não podendo tecer somente tecidos lisos instigou simultaneamente a essa produção a necessidade de estampas, nasceu então à primeira demanda do profissional designer de

estampa.. Com o tempo o trabalho deste profissional passou a ser incorporado nas indústrias, havendo uma divisão dos trabalhos na fábrica, pessoas fabricando os tecidos e outras só os desenhos das estampas, embora não fossem identificados como designers, eram meros estampadores.

De acordo com Belluzzo (*apud* NEIRA, 2012), no Brasil essa profissão passou a ser tratada como arte quando a indústria têxtil começou a desenvolver-se. E com a criação de máquinas de estampar, esse processo se tornou mais rápido, com possibilidades de impressão ilimitada de estampas.

A impressão mecânica dos tecidos significava que um padrão decorativo de sucesso podia gerar lucros imensos para os fabricantes. [...] os custos de gerar ou adquirir o padrão [estampa] era único e as possibilidades de reprodução ilimitadas; não por acaso este foi um dos primeiros setores em que se fez notável o emprego de designers. Porém a facilidade de reprodução mecânica, logo gerou um novo problema para o fabricante: a pirataria. (CARDOSO, 2008, p.35)

Com a criação das máquinas de estampar, a pirataria se tornou mais fácil e frequente. No contexto, o papel do designer era de extrema importância, a partir do momento que este criava padrões exclusivos que dificilmente seriam copiados. Com isso as leis de patente, que começaram a existir em 1809, ajudavam a combater a pirataria já que “a Constituição de 1824 trazia o princípio da ‘propriedade do inventor’ e já falava em remuneração, ‘em caso de vulgarização do invento’”⁶. Além disso, sem um designer dentro das indústrias, elas não cresciam no mercado local, pois se tornava extremamente difícil de competir com os tecidos luxuosos que chegavam da Inglaterra. Com isso o papel do designer passou a ser muito importante dentro das fábricas e, também, por isso, foi um dos primeiros lugares a darem abertura para essa profissão.

No Brasil o ensino de artes voltado para a indústria teve suas primeiras tentativas em 1810 no *Collegio das Fábricas*, que além de estampar chita, ensinava os recém-chegados de Portugal os ofícios da profissão, por isso, “essa pode ser considerada no Brasil uma das ações pioneiras nesse sentido” (NEIRA, 2013, p.80)

⁶ <http://revistapesquisa.fapesp.br/2002/02/01/a-primeira-patente/>

Segundo a mesma autora, apesar de um investimento tardio, mas ainda assim num momento apropriado, no Brasil, em 1816, criou-se a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, que tinha um ensino integrado de artes e ofícios voltado para o desenvolvimento das indústrias do país.

Insatisfeitos com o ensino da arte somente para indústria queriam criar no Brasil, uma escola voltada somente para o ensino da arte, que não fosse integrada com os ofícios. Assim, dez anos depois da fundação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, fundou-se a Academia Imperial de Belas artes, no Rio de Janeiro. A academia tinha um curso diurno, que oferecia todas as matérias ofertadas pela instituição, e um curso noturno com apenas cinco disciplinas que tinha como intenção “diferenciar mais nitidamente os estudos do artista e do artífice”⁷

Para ajudar no desenvolvimento artístico dentro da indústria foi fundado em 1858 o Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, que tinha como principal objetivo formar “profissionais capazes de contribuir para o progresso da indústria nacional” (NEIRA, 2013, p.85). Além disso, CARDOSO (2008) afirma que o liceu tinha um curso profissionalizante mais completo do que os cursos noturnos da Academia de Belas artes, sendo melhor para quem trabalhava nas indústrias.

Mas, segundo NEIRA (2013), o ensino da arte no país e as técnicas específicas para o design têxtil era prejudicada muitas vezes pois, as grandes indústrias eram localizadas nas regiões distantes da capital, que era o grande centro profissionalizante da época. Visando solucionar esse problema as empresas, que contavam com vilas de operários completas, também ofereciam educação profissionalizante para os trabalhadores e seus filhos, que desde pequenos aprendiam, os ofícios da profissão.

6. ESTAMPARIAS EM FORTALEZA

⁷ http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/rc_ebatecnico.htm

Utilizada como um diferencial no setor têxtil, as indústrias cearenses criaram seus próprios escritórios de estamparia, e hoje se utilizam de tecnologia avançada e bons profissionais para se diferenciarem no mercado e criarem estampas exclusivas.

Para a Empresa Jangadeiro Têxtil uma das fábricas cearenses que tem seu próprio setor de estampas, a tecnologia é um diferencial na sua produção, e ressalta uma das proprietárias:

Gerente de produto da Jangadeiro Têxtil, Leda Baquit, conta que a empresa tem trabalhado bastante com estamparia digital. A Jangadeiro utiliza a tecnologia para estampar tecidos sintéticos e artificiais como poliéster e viscose, enquanto no algodão o seu uso está em teste. “O mercado está mais exigente, trabalha com rapidez e exclusividade. A estamparia digital abre a possibilidade de se fazer grandes tiragens e exclusiva o desenho. Quando trabalho com estamparia rotativa, impossibilita a exclusividade. A digital consegue trabalhar com volume de 200 metros. Tudo é tecnologia de qualidade”, garante. (MOTA, 2107, JORNAL O POVO *online*).

Para atender a grande demanda do setor de confecções e se destacarem no mercado, as empresas investem na diferenciação através do uso de estampas exclusivas. Para isso investem em mão de obra qualificada e em novas tecnologias.

Além da Empresa Jangadeiro Têxtil outra grande fábrica de tecidos que tem a estamparia como diferencial aqui no Ceará é a Cia Paulista, sua estamparia chamada Attualitá surgiu em 2011 e está no mercado até os dias atuais. O diferencial da sua estamparia é não utilizar água no seu processo de impressão das estampas, possibilitando desenhos com mais riqueza de detalhes e cores.⁸

O mais recente estúdio de estamparia do estado é a Amaré design, que desde 2015 cria estampas “com raízes plantadas no Nordeste, e ideias para o mundo”.⁹

Além de estúdios de estamparia, existem no mercado de Fortaleza as possibilidades de trabalho autoral ou *freelancer*, como assim é reconhecido. O mesmo representa uma modalidade de contratação na qual o profissional

⁸ <http://www.ciapaulista.com.br/quem-somos>

⁹ <http://www.amaredesign.com.br/>

designer de estampa não tem vínculo empregatício com a empresa contratante. Nesse caso, pagam pelo serviço prestado e a contratação é atemporal.

7. RESULTADOS DA PESQUISA

Foram entrevistados onze designers de estampas, que atuam o mercado de Fortaleza, porém, com tempo de experiência bem diversificado. Cinco estão entrando agora no mercado e os demais têm entre dois e quatorze anos de experiência. Esclareço que todos os designers participantes da pesquisa permitiram citar o nome no texto deste artigo, ficando o autor isento de qualquer responsabilidade das informações e da exposição dos mesmos.

Após a coleta de informações foi possível traçar o perfil destes profissionais a partir da formação acadêmica, das ferramentas e processos criativos que utilizam no desempenho da profissão, das dificuldades encontradas para atuarem no mercado de trabalho, do que precisam para serem bons designers e da remuneração paga pelo mercado.

7.1 Da formação acadêmica requisitada ao profissional

Nove dos entrevistados tem formação em Design de Moda e apenas dois são formados em Design. O que caracteriza que um grande número de profissionais são formados em moda. Talvez por esse profissional entender de tecidos e modelagem, o que ajuda a criar estampas que não fiquem estranhas na hora de confeccionar peças, ele, por ser formado em moda se destaque mais no mercado.

Vale ressaltar também que não existe uma formação específica em design de moda, restando às empresas recrutarem designers gráficos ou designer de moda, que podem começar no setor de estilo dentro das empresas e migrarem para o setor de estampa.

7.2 Das ferramentas e processos criativos utilizados

O Photoshop sem dúvidas é a ferramenta mais usada, auxiliada pelo Illustrator ou Corel Draw. Muitos se utilizam também de desenho manual, ou

banco de imagens como o *Shutterstock* na hora de criar ou escolher elementos para a estampa.

O processo criativo varia de acordo com cada designer, mas alguns destacam que seus processos partem de muita pesquisa prévia, procurando referências e inspirações, que se adequem ao *briefing* proposto pelo cliente.

Lézio Junior, designer de estampas há dois anos, por exemplo, falou que além das pesquisas, ele monta uma paleta de cores e faz alguns esboços para ajudarem na hora de montar a estampa no Photoshop.

Um ponto importante, apontado pelos entrevistados, é que na hora de criar a estampa é saber onde ela vai ser aplicada. A designer Auxi Silveira, que tem sete anos de mercado e o designer Elvis dos Anjos, que tem oito meses de mercado, apontam que é importante saber para quem a estampa se destina para saber o tamanho do rapport e o método que vai ser utilizado para estampar, se vai ser silk, sublimação ou impressão digital.

7.3 Das dificuldades encontradas para atuarem no mercado de trabalho

Todos os entrevistados disseram que existem dificuldades para atuar no mercado local, algumas das dificuldades citadas são, a má remuneração do profissional e a falta de valorização desse trabalho, pois segundo Henrique Abreu “muitas vezes é a estampa que faz a peça e não o *shape* “modelagem””.

Auxi Silveira destaca que foi de três anos pra cá que o mercado começou a absorver melhor o profissional de estamparia, mas que ainda não entende o tempo de produção de uma estampa. Ela aponta que uma das maiores dificuldades do mercado é alinhar o tempo de produção, que é urgente, com o tempo de criação do designer.

Artur Paiva aponta a limitação de ideias como um fator negativo do mercado local. Assim como Elvis dos Anjos que aponta a “forte cultura da cópia de estampas” como grande dificuldade, pois falta espaço para estampas mais autorais.

Para Lézio Júnior o mercado é bem competitivo, o que dificulta a entrada do profissional, mas que muitas marcas estão trabalhando com estamparia

exclusiva e que o mais natural será a procura de profissionais para garantir uma maior exclusividade de estampas.

Porém, apesar das marcas estarem trabalhando mais com estamperia exclusiva, muitos designers ainda apontam a falta de oportunidades como uma dificuldade para se inserir no mercado de trabalho. Renata Iepsen diz que existem poucos lugares para atuar e Henrique Abreu fala que o mercado “é desacreditado nesse profissional”.

7.4 Do que precisam para serem bons designers

Na opinião de Elvis dos Anjos, um bom designer precisa “saber adaptar visualmente as ideias do cliente para a estampa”. Saulo destaca que o “designer tem que ligar todos os pontos para que o desenho dele gere informação de venda e empatia do cliente com a marca para quem ele desenvolve”.

Para Auxi Silveira, o designer não pode acomodar o olhar e precisa estar sempre praticando, pois, “a estamperia vai muito além do tecido ou do Photoshop. E tudo o que você produzir fora dessa caixinha vai agregar valor ao seu trabalho”.

Muitos destacaram que entender de coloração é bastante importante para ser um bom designer. Segundo Henrique Abreu o designer de estampa sempre foi harmonia, “é saber equilibrar cor, saturação. Ritmo, luz, etc”.

Além de tudo isso, dominar os softwares de criação, alinhado com um olhar curioso e bastante criatividade fazem a diferença em um designer na hora de se destacar no mercado, como foi apontado por muito dos entrevistados.

7.5 Da remuneração paga pelo mercado

A remuneração como a maioria respondeu, varia entre um e três salários mínimos, mas, de acordo com a designer Auxi Silveira a remuneração depende da colocação do profissional no mercado de trabalho, podendo o salário variar entre R\$ 2.500 e R\$7.000.

Alguns entrevistados destacam que os salários mais baixos são para os profissionais que estão chegando no mercado, mas que essa remuneração vai aumentando de acordo com sua experiência, conhecimento e reconhecimento no mercado.

Saulo destaca que a região Nordeste é que mais paga mal ao profissional de estamparia, ele diz ainda que a região Sudeste é a que melhor paga esse profissional.

Lézio Júnior disse que a possibilidade de trabalhar como *freelancer* ao mesmo tempo em que se trabalha numa empresa ajuda bastante a aumentar a renda.

7.6 Perfil do profissional designer de estampa de Fortaleza

Com base nas entrevistas feitas com os profissionais da área, foi possível constatar que o perfil do designer de estampas que atua em Fortaleza é, em sua maioria, formado por um profissional graduado em Design-Moda, que utiliza os programas *Photoshop* e *Illustrator* do pacote Adobe, além de técnicas de desenho para criar estampas e ganham entre um e três salários mínimos em média. Destacando também que o bom profissional entende de coloração e sabe adaptar visualmente o *briefing* passado pelo cliente.

8. CONCLUSÃO

O desenvolvimento desse trabalho, através de pesquisas bibliográficas e entrevista com designers, possibilitou a constatação de que existem sim dificuldades para atuar no mercado local. Mesmo com a profissão surgindo por volta de 1808, antes mesmo do designer de moda, ela é relativamente nova. O mercado ainda está tentando se adaptar a essa profissão e ao profissional que é cada vez mais requisitado nas fábricas e confecções.

Como foi contatado nas entrevistas, o mercado começou a se abrir para o designer de estampas de uns três anos pra cá, tornando ainda mais recente essa profissão na cidade de Fortaleza.

Durante as entrevistas os designers mencionaram que o trabalho do designer de estampas muitas vezes não é valorizado, as marcas preferem estampas copiadas de outras marcas, não dando espaço para o trabalho autoral desses profissionais. Para tentar ir na contramão dessas dificuldades, os designers precisam se mostrar mais, desenvolvendo um estilo próprio de

estampas e desenhos e divulgar mais o seu trabalho. Pois existe também a dificuldade de encontrar designers na cidade.

Durante a pesquisa foi difícil encontrar profissionais para serem entrevistados, por isso só foram entrevistados onze designers, mas com uma diversidade de tempo de atuação no mercado local, o que possibilitou um bom entendimento de como o mercado está para as diferentes categorias, quais são as maiores dificuldades sentidas e ajudou também a traçar um perfil do designer que atua na cidade de Fortaleza.

REFERÊNCIAS

ANDRÉA, Lucia. **A história da chita, um tecido (quase) brasileiro**. 2016.

Disponível em <<https://www.audaces.com/a-historia-da-chita-um-tecido-quase-brasileiro/>>. Acesso em: 23 março 2018

SILVA, Dailene Nogueira; MENEZES, Marizilda dos Santos. **Design têxtil: revisão histórica, surgimento e evolução de tecnologias**. XXI Simpósio Nacional de Geometria e Desenho Técnico. Florianópolis. 2013. Disponível em: <<http://wright.ava.ufsc.br/~grupohipermedia/graphica2013/trabalhos/DESIGN%20OTEXTIL%20REVISAO%20HISTORICA%20SURGIMENTO%20E%20EVOLUCAO%20DE%20TECNOLOGIAS.pdf>> Acesso em: 27 fevereiro 2018

MOTA, Lucas, LIMA Paula. **A origem econômica da moda**. 2017. Disponível em <<https://especiais.opovo.com.br/industriatextil/>> . Acesso em: 23 março 2018

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: história, tramas, tipos e usos**. 4ª edição. Editora Senac. São Paulo. 2013.

SILVA, Marcelo Magalhães da. **A criação de estampas no Brasil: a profissão do designer de estampas**. 2016. Disponível em https://issuu.com/marcelomagalhaesdasilva/docs/artigo_marcelo_web . Acesso em 27/02/18.

LEÃO, Tereza Cristina Fernandes. **Design de superfície e estampa têxtil: características, relações e identidades**. Dissertação (mestrado em estudos culturais contemporâneos) - Universidade FUMEC. Belo Horizonte. 2016

NEIRA, Luz García. **Estampas na tecelagem brasileira**. Da origem à originalidade. Tese (doutorado em arquitetura e urbanismo) – Faculdade de arquitetura e urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

_____. Design, educação, cultura: origem do projeto têxtil no Brasil. **Revista brasileira de Ciência Têxtil no Brasil**, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 78-88, jan./jun. 2013

CARDOSO, Rafael. **Uma Introdução a história do design**. São Paulo. Editora Blucher. 2008

_____. **O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica 1870-1960**. São Paulo. Cosac Naify. 2005

_____. A Acadêmia Imperial de Belas Artes e o ensino Técnico. 19&20 – **Revista eletrônica DezenoveeVinte**, v. III, n. 1, jan. 2008. Disponível em http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/rc_ebatecnico.htm. Acesso em: 23 março 2018

MARCOLIN, Neldson. **A primeira patente**. 2002. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2002/02/01/a-primeira-patente/>>. Acesso em: 30/06/18

VIEIRA, Lilian Bellion. **A estamparia têxtil contemporânea: produção, produtos e subjetividade**. Pós-Graduação em Têxtil e Moda, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2014.

SANT'ANNA, Patricia. **Arte Popular e a Moda dos anos 60**. XXIV Simpósio Nacional de História. 2007. Disponível em: <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Patricia%20Sant%27Anna.pdf>> . Acesso em : 28/06/18

Opovo online. **Tecnologia amplia uso dos tecidos**. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/2017/08/tecnologia-amplia-usos-dos-tecidos.html>> . Acesso em: 28/06/18

APÊNDICE 1



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE- ICA
CURSO DE DESIGN-MODA**

QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA ESTRUTURADA

1. Nome
2. Idade
3. Qual sua formação?
4. Há quanto tempo atua no mercado?
5. Como começou na profissão?
6. Como é o seu processo de criar estampas?
7. Quais as maiores dificuldades sentidas para atuar no mercado local?
8. O que você acha que é preciso ter para ser um bom designer de estampas?